

II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia

RELATÓRIO FINAL E CARTA POLÍTICA DO II SNEA



25 a 27
OUT 2016
SEROPÉDICA-RJ

II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia

RELATÓRIO FINAL E CARTA POLÍTICA DO II SNEA

Ficha Técnica

A comissão organizadora do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia estimula a livre circulação do conteúdo aqui publicado. Sempre que necessária a reprodução total ou parcial do material, solicitamos que “Relatório/ Carta Política do II SNEA” seja citada como fonte.

TEXTOS: Cristhiane Amâncio (Embrapa Agrobiologia/ABA-Agroecologia), Maria Virgínia Aguiar (ABA-Agroecologia) e Natália Almeida Souza (Bolsista Projeto de Sistematização de Experiências - ABA); Texto Cultura - Comissão de Cultura e Mística; Relatorias (equipe ficha técnica final); Carta Política construção coletiva das comissões e síntese Romier Sousa (ABA-Agroecologia)

SÍNTESE DOS DADOS: Ericka Leão

REVISÃO: Cristhiane Amâncio (Embrapa Agrobiologia/ABA-Agroecologia), Larissa Cabral (Coletivo de Comunicação Mídia Crioula) e Maria Virgínia Aguiar (ABA-Agroecologia)

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Natália Almeida Souza

FOTOS: Clara de Sá, Pablo Vergara e Rafaele Gonçalves

IDENTIDADE VISUAL: Jorge Verdi

FACILITAÇÃO GRÁFICA: Glauber Cardoso Guimarães, Juliana Campos Lopes, Samuel Carvalho Ulhôa e Sara Barbosa (Coletivo Repentistas do Desenho)

IMAGEM DA CAPA: Jorge Verdi

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Roberta Rangé

TIRAGEM: 1000 exemplares

II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia

RELATÓRIO FINAL E CARTA POLÍTICA DO II SNEA

Realização

Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR)

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Agrobiologia)

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST/RJ)

Parceria institucional

ABA – Agroecologia - Projeto de Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras – MDA/CNPq

2017
Rio de Janeiro

CADERNO DE AGROECOLOGIA

II SNEA

O II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia foi realizado no período de 25 a 27 de outubro de 2016, em Seropédica, RJ, com o tema “Educação em Agroecologia: resistências e lutas por democracia”. Foi organizado de maneira a propiciar um amplo espaço de discussão coletiva e participativa sobre educação em agroecologia, orientando-se por experiências concretas de educadores/as, estudantes, gestores e agricultores de todas as regiões do Brasil.

Apresentamos aqui o relatório das atividades realizadas durante o seminário, a programação, a proposta metodológica, a equipe organizadora, bem como um conjunto de imagens que demonstram o “espírito” do evento. Este relatório se complementa com os anais do evento publicados nos Cadernos de Agroecologia onde encontramos todos os trabalhos apresentados e debatidos, a carta do evento e textos sínteses, entre eles um da comissão organizadora e outros sobre os trabalhos apresentados.

<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/issue/view/111>

Boa leitura!

Maria Virgínia Aguiar

Sumário

| | |
|--|----|
| Primeiras Palavras: Boas Vindas Irene Cardoso | 9 |
| O II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia | 13 |
| Resistência e Lutas por Democracia: a temática do II SNEA | 17 |
| Trajetória e Caminhos: Processo de Construção | 20 |
| Perfil dos participantes | 23 |
| Caminhos Metodológicos: experiências e apostas | 27 |
| Sínteses dos Grupos Temáticos: pautas prioritárias para a Educação em Agroecologia | 35 |
| A cultura e arte como componentes educativos: a feira e os festejos | 43 |

Relatos das Plenárias 45

Carta Política 51

Avaliações: que bom, que pena e que tal 59

Realização, parcerias, comissão 63
organizadora do II SNEA e ficha técnica do
número

ANEXO 1:

Lista dos Núcleos de Agroecologia 69
preSentes

ANEXO 2

Rodas de Diálogo: Sobre a metodologia 73
de partilha das experiências

ANEXO 3

Proposta metodológica: Grupos de trabalho 79



Primeiras Palavras...

Boas Vindas - Irene Cardoso | Associação Brasileira de Agroecologia na mesa de abertura do II SNEA

Na Mesa de Abertura do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia - II SNEA, Irene Cardoso, presidente da ABA-Agroecologia, começa agradecendo aos organizadores do Seminário e ao Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, lembrando à todas e todos, que ele foi extinto, mas que ela acredita que voltará porque foi uma conquista do povo brasileiro! Irene também lembra que o MDA, por intermédio do CNPq, financiou o Projeto de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia, com um apoio específico para o II SNEA.

Ao lembrar que começamos com uma mística construída pela juventude e com a música popular do Farinhada, ela diz que este é um momento de celebração e que celebrar não é somente festejar. Celebrar é também momento de refletir sobre nossas ações e buscar caminhos para seguirmos mais fortes.

Luta, resistência e transformações necessárias foram apontadas para que esse país nunca mais tenha pessoas que não nos honram nos lugares de poder. Ela diz ainda que também existe outra forma de olhar para esse momento que é olhar para as nossas conquistas e nossa caminhada.

Segundo ela, podemos começar observando o fortalecimento das nossas próprias organizações, movimentos e redes e a conquista dos Núcleos de Agroecologia que hoje tentam construir inovações metodológicas que foram propostas no

II SNEA. Estas conquistas estão espalhadas e descentralizadas pelo Brasil.

Irene reforça que durante o SNEA, construído a partir dos princípios da educação em agroecologia e da sistematização de experiências, teremos oportunidades de exercitar a horizontalidade de saberes e construir em parceria com todo o movimento agroecológico, reflexões sobre as diferentes iniciativas de Educação em Agroecologia.

Por fim, diz que a proposta é que todos se desafiem! Que possamos construir instalações pedagógicas, dialogar nos Grupos Temáticos e construir sínteses para a carta política. Contudo, reforça que precisaremos pensar em mais ferramentas de diálogo e anúncios para além da carta: “temos que construir solidariedades e ter a sinergia como palavra chave desse momento”. Ao final, deseja que aqueles que puderem ficar para conhecer as experiências agroecológicas do Rio de Janeiro, fiquem, pois “precisamos também nos ver nas experiências dos outros, fortalecer as parcerias”.

Como apontou Irene, desejamos que todas e todos se desafiem. Desejamos que a partir desse documento, que traz parte da memória coletiva do II SNEA, cada uma e um possa revisitar as vivências, acender as lembranças e alumiar-se de novas ideias para a construção de uma Educação em Agroecologia cada vez mais comprometida com as transformações, as resistências e as lutas pela democracia.

Memória do II SNEA, relatoria da mesa de abertura





O II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia

A Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) em parceria com diversas organizações do estado do Rio de Janeiro (universidades, movimentos, grupos e redes) realizou entre os dias 25 a 27 de outubro, o II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA).

O Seminário faz parte do Projeto de Sistematização de Experiências da ABA-Agroecologia e pretende dar continuidade aos debates realizados no I SNEA sobre os princípios e as diretrizes da Educação em Agroecologia, propostos como importantes para a prática de uma Educação comprometida com o povo, com a diversidade de culturas e a convivência harmoniosa com o ambiente.

Considerando os acúmulos do primeiro Seminário, realizado em 2013 em Recife, a Comissão Organizadora do II SNEA convidou as/os educadoras/es, estudantes e representantes de instituições envolvidas em experiências concretas de Educação em Agroecologia (no ensino, na pesquisa e na extensão, com diferentes inserções, áreas do conhecimento e propostas político-pedagógicas), espalhadas pelas várias regiões do país.

O evento teve como objetivo principal identificar, sistematizar, refletir e articular experiências de educação em agroecologia e indicar caminhos para seu fortalecimento, divulgação e popularização, possibilitando o intercâmbio e a reflexão sobre os processos e dinâmicas, as conquistas e os desafios acerca das iniciativas educativas no campo da agroecologia que estão ocorrendo no Brasil.

Como objetivos específicos orientadores da metodologia do Seminário, buscou-se:

- Contribuir para a construção de metodologias e práticas que favoreçam a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão na educação em agroecologia nos níveis e modalidades da educação básica ao ensino superior;
- Garantir espaços de reflexão sobre princípios e estratégias da educação em agroecologia a partir das experiências em Educação Popular;
- Refletir sobre os desafios da Educação do Campo e outras expressões educativas no campo da agroecologia promovendo conexões entre as diferentes práticas desenvolvidas no ensino formal e não-formal;
- Dar visibilidade e fortalecer o protagonismo da mulher e da juventude na construção da educação em agroecologia;
- Exercitar a sistematização da diversidade de experiências, práticas e vivências por meio da escuta, reflexão, diálogo e síntese;
- Promover a integração dos núcleos, grupos com as demais organizações agroecológicas nas diferentes regiões do país;
- Articular propostas de políticas públicas para a educação em agroecologia.





UNIDADE PRETA
UFRJ
ALICE BRUNO

ENE BIO
INSTITUTO DE ENERGIA E AMBIENTE

EDUCAÇÃO
NÃO VAI PAGAR
PELA C...

Resistência e Lutas por Democracia: a temática do II SNEA

Todo encontro construído e realizado por educadores/as comprometidos/as com a transformação social é reflexo de seu tempo e, por isso, o tema do evento escolhido foi “Educação em Agroecologia: Resistências e lutas por democracia”. O tema atentou-se para a atual conjuntura que coloca o Brasil em uma situação de sérias ameaças e retrocessos para a Educação, a agricultura camponesa e a Agroecologia.

Os/as educadores/as, estudantes, pesquisadores/as, técnicos/as e agricultores/as envolvidos/as na construção do II Seminário Nacional acreditam que não haverá avanços na Educação em Agroecologia se não houver democracia. Cortes de verbas e a extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação, o fechamento de dezenas de escolas do campo, a redução de recursos dos editais voltados para o fortalecimento dos núcleos de agroecologia nas instituições de ensino, a tentativa de impor uma pauta conservadora na base curricular nacional, os riscos a promoção da diversidade na educação, as ameaças à privatização do ensino, são apenas exemplos dos retrocessos que evidenciam os desafios que vivemos atualmente e caracterizam um quadro que nos exige luta permanente.

Na contramão desses processos conservadores, a realidade nos trouxe escolas ocupadas por estudantes em todo o Brasil, a luta pela educação do campo, educadores/as e estudantes realizando

uma educação diferenciada que articula pesquisa, extensão e ensino em agroecologia, questionando uma formação centrada no paradigma da Inovação Tecnológica voltada apenas para o agro-negócio, a organização das redes dos núcleos de agroecologia e manifestações, reunindo diferentes grupos sociais em defesa da escola pública, gratuita e de qualidade. São manifestações de resistência e respostas de todos e todas aquelas comprometidas com a garantia dos direitos conquistados e dos avanços na inclusão social de sujeitos que há séculos são alijados dos processos de desenvolvimento do país.

A REFORMA
DO ENSINO MÉDIO
FOI CONSULTADA POR:
NENHUM PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

RURAL
O RETROCESSO

SE O POVO
PEDE, V
DEVE OB
#FORAT

HÁ O
TEMER!
FORATEMER

MEXEU
COM ESTUDANTE
MEXEU COM
SATANÁS

A NOSSA
REBELDIA
É O POVO
NO PODER
CONTRA A
REFORMA DO
ENSINO MÉDIO

EDU
E
LU

NÃO
RETROCESSO
UPAUFRRJ

POR UMA
EDUCAÇÃO
LIBERTADORA!

SEM CAOS
NÃO HÁ
MUDANÇA

+ EDUCAÇÃO
- TEMER

PROFESS
TECNI

Trajectoria e Caminhos:

Processo de Construção

Construído à muitas mãos, o II SNEA teve em sua composição as seguintes comissões:



ALIMENTAÇÃO

Local e da agricultura familiar,
Agroecológica, Sempre que possível!



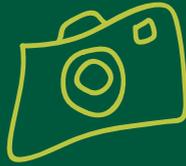
APOIO

Força da juventude,
mutirões, Solidariedade



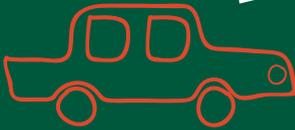
SECRETARIA

Inscrições, certificados,
resumos



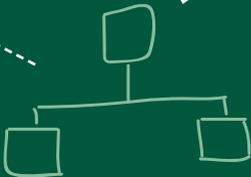
COMUNICAÇÃO

Facilitação gráfica, vídeos,
fotos e relatoria



INFRAESTRUTURA

Alojamentos, transportes



METODOLOGIA E PROGRAMAÇÃO

Apostas metodológicas,
costuras das diversidades,
horizontalidade



CULTURA E MÍSTICA

Expressões culturais,
animação, espiritualidade,
força dos povos



**COMIDA DE VERDADE
NO CAMPO E NA CIDADE
#AGROECOLOGIAJÁ!**

AGROECOLOGIA AGROECOLOGIA

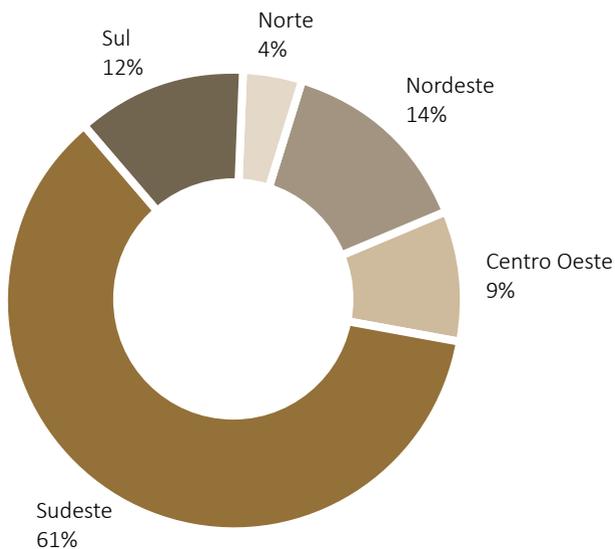
Perfil dos participantes

RESUMOS APROVADOS

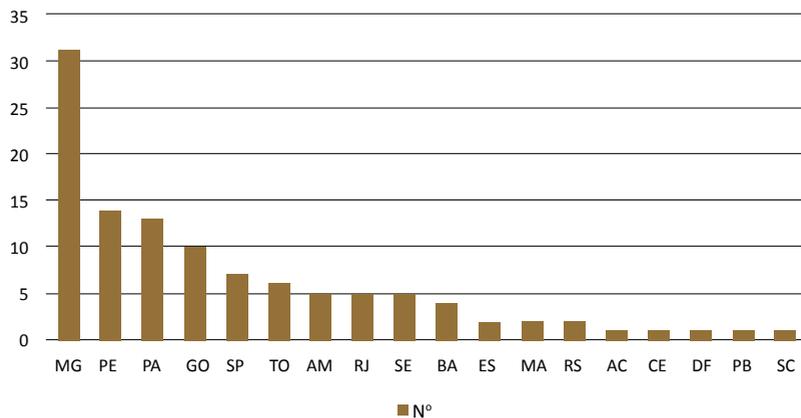
| | |
|--------------|-----|
| Norte | 29 |
| Nordeste | 37 |
| Centro Oeste | 6 |
| Sul | 7 |
| Sudeste | 89 |
| TOTAL | 168 |

| | |
|---|-----|
| Total de Resumos Aprovados no II SNEA | 168 |
| Resumos relacionados às experiências dos NEAs | 79 |

PARTICIPANTES DE NEAS/REGIÃO



Nº PARTICIPANTES LIGADOS A NEAs/ESTADO



| PARTICIPANTES NEAs/ESTADO | Nº |
|---------------------------|------------|
| SP | 7 |
| RJ | 5 |
| ES | 2 |
| MG | 31 |
| SC | 1 |
| RS | 2 |
| DF | 1 |
| GO | 10 |
| BA | 4 |
| SE | 5 |
| PE | 14 |
| PB | 1 |
| MA | 2 |
| CE | 1 |
| PA | 13 |
| AC | 1 |
| TO | 6 |
| AM | 5 |
| Total | 111 |

Obs: a lista de núcleos se encontra no Anexo I





Caminhos Metodológicos: experiências e apostas

O II SNEA se propôs a refletir e aprofundar análises deste cenário para que se pudesse acolher diferentes trajetórias de experiências educativas, compreender as contradições inerentes e visualizar caminhos comuns, na diversidade de grupos, redes e movimentos que constroem a Educação em Agroecologia no Brasil, dentro e fora das instituições de ensino.

A programação do seminário considerou também os desafios e as demandas sinalizadas por educadores/as e educandos/as no contexto da Educação em Agroecologia, além dos princípios e as diretrizes da Educação em Agroecologia propostas no I SNEA e das ações desenvolvidas e articuladas pelo Projeto “Sistematização de experiências: construção e socialização de conhecimentos – o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras”, realizado pela ABA-Agroecologia em parceria com universidades e parceiros nas cinco regiões do Brasil.

Rodas de Diálogos e as Instalações Pedagógicas: novidades metodológicas para a construção do conhecimento

A participação no Seminário foi vinculada à apresentação e seleção de um texto sobre as experiências de Educação em Agroecologia onde os/as autores/as tinham uma inserção direta. Foram inscritas 210 experiências de todo o país, das quais foram selecionadas 168. A maior parte delas eram vinculadas à educação formal, mas algumas experiências de educação não-formal também

foram apresentadas na perspectiva de ampliar a compreensão e trocas de experiências entre diferentes processos educativos. Estas experiências foram apresentadas e debatidas em 18 Rodas de Diálogos realizadas concomitantemente durante o evento. Cada roda de diálogo foi coordenada por facilitadores/as convidados/as, que se encarregaram de subsidiar e orientar o debate e a reflexão, encontrando pontos e questões em comum.

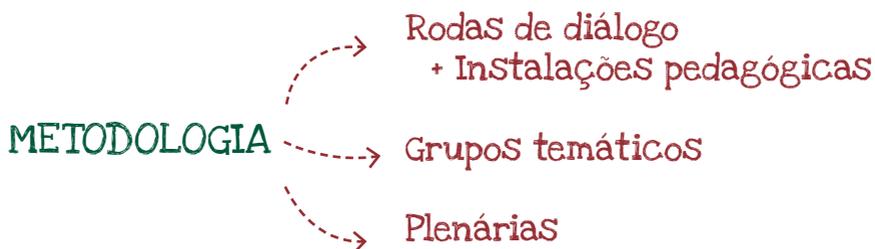
Para garantir a socialização das diferentes narrativas relativas às experiências, escolheu-se a metodologia das Instalações Pedagógicas. Os participantes foram convidados previamente a levar para o Seminário pelo menos um elemento simbólico que representasse o “fazer educativo” coletivo dos sujeitos envolvidos nas suas experiências educativas, tais como, bandeiras, sementes, fotos, alimentos, poesias, artesanatos, livros, tecidos, e outros elementos. As Instalações Pedagógicas são cenários construídos coletivamente, compostos por elementos da realidade (no caso, das experiências de Educação em Agroecologia) suscitadores de problematização e reflexão, que guardam semelhanças com instalações artísticas, dada a sua dimensão estética. Além disso, são espaços que propiciam a construção do conhecimento de forma interdisciplinar a partir da interpretação dialogada dos diferentes participantes.

Como processo educativo, as Instalações Pedagógicas procuraram exercitar o respeito aos diversos saberes e a escuta cuidadosa, compreendendo os tempos de cada experiência e procurando valorizar a complexidade do processo de construção do conhecimento. As Instalações têm a proposta de valorizar conteúdos produzidos coletivamente em diferentes momentos e rompem com a lógica exclusiva da oralidade. No caso específico do II SNEA, as Instalações Pedagógicas tiveram como foco de

suas reflexões as experiências concretas de educação em agroecologia. Para que isso fosse possível, foi pedido aos participantes que trouxessem elementos que melhor retratassem as experiências a serem socializadas e compor o cenário da instalação. A partir da junção dos elementos das várias experiências em um mesmo espaço, cria-se ali um cenário único que converge em conhecimento comum partilhado a respeito da trajetória valorizada sobre educação em agroecologia, cada Roda de Diálogo com a sua. Ao final da etapa de socialização e construção da instalação pedagógica os grupos das rodas de diálogo percorreram, em circuito carrossel, as instalações, sendo assim possível conhecer mais experiências socializadas do que as compuseram a sua roda de diálogo.

Grupos Temáticos: pautas prioritárias para a Educação em Agroecologia

O evento também abordou temas que estão na pauta atual da Educação em Agroecologia, tais como: (1) a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão na construção da Educação em Agroecologia; (2) a questão agrária e a agroecologia como nova matriz de formação humana e; (3) a formação do profissional em agroecologia. Estes temas foram debatidos em três Grupos Temáticos (GT), que contaram com a participação de animadores, educadores e educadoras que de alguma forma, nas suas práxis estão envolvidos com estas temáticas. Nos GTs também foram adotadas metodologias de facilitação do diálogo[1] que estimularam as sínteses e a escuta coletiva das experiências das/os participantes.

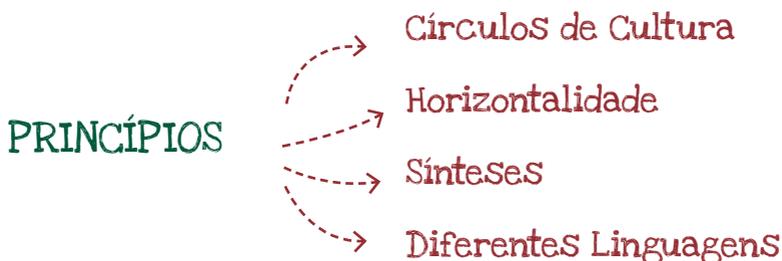


O GT “Questão agrária e a agroecologia como nova matriz de formação humana” contou com a facilitação de Eduardo Barcelos da Associação dos Geógrafos do Brasil e de Cristina Vargas do Setor de Educação do MST. A partir de provocações relacionadas à questão agrária no Brasil e os processos educativos vinculados à Educação do Campo, neste GT foram debatidos temas como reforma agrária, território, os conflitos do campo, o agronegócio e o modelo do capitalismo agrário, além das dimensões relacionadas à questão ambiental vincula a luta pela terra à luta pelas florestas, águas, restingas, mangues, aquíferos. Neste GT, a Agroecologia, compreendida como matriz para a formação humana, também teve centralidade nos debates. Algumas das experiências educativas vivenciadas e construídas pelos movimentos sociais do campo, inspiradas na memória e na cultura popular, na diversidade, nas potencialidades do movimento agroecológico, na saúde e na alimentação saudável, entre outros temas, foram compartilhadas como experiências de resistência e enfrentamento dos modelos convencionais de educação.

O GT Formação do Profissional em Agroecologia contou com a animação da educadora Luciana Jacob da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) e de Romier Sousa do Instituto Federal do Pará-

Campus Castanhal. Neste GT foram debatidos temas como: a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão nas diferentes instituições de ensino com o modelo de desenvolvimento pautado pela Revolução Verde e pelo paradigma hegemônico de agricultura moderna capitalista, patriarcal e colonialista; a exclusão de saberes tradicionais; a importância da extensão como o centro da prática pedagógica; a ausência da agricultura familiar e o domínio do agronegócio nos currículos dos cursos de Ciências Agrárias. Como questão articuladora ficou evidente que a formação em Agroecologia na universidade deveria ser construída principalmente por aqueles sujeitos que historicamente foram marginalizados e silenciados no campo e que existem várias experiências educativas no Brasil contra-hegemônica a educação convencional. Complementando as reflexões sobre a formação profissional em Agroecologia, Romier Sousa do IFPA trouxe muitos elementos para o debate sobre o que considera Educação em Agroecologia, o reconhecimento dos cursos de Agroecologia, o reconhecimento profissional etc. Com isso, propiciou vários esclarecimentos relativos aos cursos formais de Agroecologia de diferentes níveis educacionais.

O GT “Indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão na construção da Educação em Agroecologia”, foi animado pelo



educador Marcos Sorrentino, também da ESALQ e Ana Cristina dos Santos professora da UFRRJ. O debate em torno de que a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão tem como princípio o “compromisso com a vida em toda a sua diversidade”. Sorrentino aponta que os componentes essenciais na construção dessa articulação é o estabelecimento de uma relação dialógica e cooperativa. Em sua percepção há que se compreender a educação enquanto processo formador que promova a participação e a potência de agir em prol da transformação no sentido de sociedades mais justas, mais felizes e plenas em diversidade humana e biológica. O GT expôs a colaboração da Agroecologia, não somente como mera técnica, mas como possibilidade de transformação das relações humanas e institucionais em favor do estabelecimento da autonomia, da auto análise e da autogestão.



“Que a Educação
possa ser pesquisante,
a pesquisa educadora
e a extensão
transformadora”

MarcoS Sorrentino

Sínteses dos Grupos Temáticos: pautas prioritárias para a Educação em Agroecologia

Os Grupos Temáticos abordaram três temas prioritários que estão na pauta atual da Educação em Agroecologia:

- a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão na construção da Educação em Agroecologia;
- a questão agrária e a agroecologia como nova matriz de formação humana e;
- a formação do profissional em agroecologia.

Estes temas foram debatidos em três Grupos Temáticos (GT), que contaram com a participação de animadores, educadores e educadoras que de alguma forma, nas suas práxis, estão envolvidos com estas temáticas. Nos GTs também foram adotadas metodologias de facilitação do diálogo que estimularam as sínteses e a escuta coletiva das experiências das/os participantes.

Utilizou-se a ferramenta do Café do Mundo (World Café) com a finalidade de gerar debates prévios entre os/as participantes sobre os temas em questão, antes da exposição dos facilitadores, pois todas/os carregam em si contribuições ao debate. As sínteses dos debates foram registradas em tarjetas, que foram usadas pelo/s/as facilitadores/as nas suas reflexões.

Grupo Temático 1 “Indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão na construção da Educação em Agroecologia

O GT “Indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão na construção da Educação em Agroecologia”, foi animado pelo educador Marcos Sorrentino, também da ESALQ e Ana Cristina dos Santos professora da UFRRJ. O debate gerou em torno de que a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão tem como princípio o “compromisso com a vida em toda a sua diversidade”. Sorrentino aponta que os componentes essenciais na construção dessa articulação é o estabelecimento de uma relação dialógica e cooperativa. Em sua percepção há que se compreender a educação enquanto processo formador que promova a participação e a potência de agir em prol da transformação no sentido de sociedades mais justas, mais felizes e plenas em diversidade humana e biológica. O GT expôs a colaboração da Agroecologia, não somente como mera técnica, mas como possibilidade de transformação das relações humanas e institucionais em favor do estabelecimento da autonomia, da autoanálise e da autogestão.

Há que se compreender a educação enquanto processo formador que fomente a participação e a potência de agir em prol da transformação sentido a sociedades mais justas, mais felizes e plenas em diversidade humana e biológica, colaborando na composição da Agroecologia não como mera técnica, mas ressignificação das relações humanas e institucionais em favor do estabelecimento da autonomia, da autoanálise e da autogestão.

É importante trazer a discussão do necessário pluralismo metodológico para a construção do conhecimento nas diferentes dimensões da agroecologia e reconhecer o protagonismo dos sujeitos, entre os quais destacam-se os agricultores/as e seus saberes silenciados ou marginalizados

Grupo Temático 2 “Questão Agrária”

O GT “Questão agrária e a agroecologia como nova matriz de formação humana” contou com a facilitação de **Eduardo Barcelos** da Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB) e de **Cristina Vargas** do Setor de Educação do MST. A partir de provocações relacionadas à questão agrária no Brasil e os processos educativos vinculados à Educação do Campo, neste GT foram debatidos temas como reforma agrária, território, os conflitos do campo, o agronegócio e o modelo do capitalismo agrário, além das dimensões relacionadas à questão ambiental vincula a luta pela terra à luta pelas florestas, águas, restingas, mangues, aquíferos. Neste GT, a Agroecologia, compreendida como matriz para a formação humana, também teve centralidade nos debates. Algumas das experiências educativas vivenciadas e construídas pelos movimentos sociais do campo, inspiradas na memória e na cultura popular, na diversidade, nas potencialidades do movimento agroecológico, na saúde e na alimentação saudável, entre outros temas, foram partilhadas como experiências de resistência e enfrentamento dos modelos convencionais de educação.

TRÊS IDEAIS DO MOVIMENTO:

- ★ Luta pela terra
- ★ Luta pela Reforma Agrária (popular)
- ★ Luta pela transformação Social

Esses três ideais dialogam com a agroecologia. É fundamental sentir-se parte do processo na busca pelas transformações.

LUTA PELAS SEMENTES: PATRIMÔNIO DOS POVOS, A SERVIÇO DA HUMANIDADE

A agroecologia tem conseguido mexer no modelo educacional pensado pelo MST. Agroecologia: vínculo com o território, motivadora do debate. No entanto, não pode nem deve ser enxergada como o único caminho, a salvação.

Etnização da questão agrária: populações indígenas e quilombolas compreendem 20% da demanda por terras;
Ambientalização da questão agrária: demanda não só por terra como também pelos recursos: água, mangues, aquíferos!
Morte de ambientalistas populares é recorde no Brasil

A situação agrária no Brasil é de que 1% dos proprietários detêm 46% das terras. A partir da década de 1980, a produção de commodities aumentou exponencialmente enquanto a de alimentos caiu.

SínteseS - GT 2 Questão Agrária

Quais são os significados e sentidos da agroecologia na luta pela terra?

- Reconhecimento de todas as dimensões humanas
- Agroecologia opera no conflito
- Nova relação sociedade e natureza
- Agroecologia e luta pela terra é a luta pela vida
- Resistência
- Novas relações
- Autonomia e bem viver

Quais são os principais entraves para a consolidação da agroecologia/ educação no contexto da reforma agrária? • Capitalismo: formação, política, agronegócio. modelo industrial e urbano

- Estrutura capitalista da sociedade
- Modelo de educação
- Colonização do saber
- Lógica do capital
- Formação política

Grupo Temático 3 - Formação do Profissional em Agroecologia

O GT Formação do Profissional em Agroecologia, muito esperado por todos/as, contou com a animação da educadora **Luciana Jacob** da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) e de Romier Sousa do Instituto Federal do Pará-Campus Castanhal. Neste GT foram debatidos temas como: a articulação do ensino, da pesquisa e da

extensão nas diferentes instituições de ensino com o modelo de desenvolvimento pautado pela Revolução Verde e pelo paradigma hegemônico de agricultura moderna capitalista, patriarcal e colonialista; a exclusão de saberes tradicionais; a importância da extensão como o centro da prática pedagógica; a ausência da agricultura familiar e o domínio do agronegócio nos currículos dos cursos de Ciências Agrárias. Como questão articuladora ficou evidente que a formação em Agroecologia na universidade deveria ser construída principalmente por aqueles sujeitos que historicamente foram marginalizados e silenciados no campo e que existem várias experiências educativas no Brasil contra-hegemônica a educação convencional.

Neste GT também foram levados elementos para o debate sobre o reconhecimento dos cursos de Agroecologia e o reconhecimento profissional daqueles formados em agroecologia, reforçando o posicionamento da ABA-Agroecologia em defesa de todas as expressões da Educação em Agroecologia. Inicialmente ressaltou que desde muitos anos a educação em agroecologia no Brasil se deu em diferentes espaços formativos articulando diferentes áreas do conhecimento.

Pressupostos para a compreensão da agroecologia enquanto ciência: a pluralidade de conhecimentos no mundo é infinitamente superior a quantidade de conhecimentos que existe na universidade. Quem escolhe o que é considerado legítimo na universidade? Não são os povos tradicionais; essas escolhas são sempre transpassadas por relações de poder.

Importância do reconhecimento legal do profissional da agroecologia; AS organizações de base de profissionais da agroecologia devem ser articuladores/as e animadores/as do reconhecimento; Ocupar, resistir e criar espaços de debate sobre a formação profissional em agroecologia; Importância do trabalho como princípio educativo

OS núcleos de agroecologia têm promovido a institucionalização da agroecologia na universidade; OS editais para a agroecologia propiciaram para que OS núcleos se territorializassem no Brasil. AS caravanas e OS estágio de vivência são espaços de interação e construção do conhecimento nos territórios

SínteseS - GT 3 Formação Profissional

Como fortalecer a educação em agroecologia?

- Construção de espaços de interação
- Construção de projetos políticos territoriais
- Diálogo com as organizações de agricultores
- Ocupação dos espaços educativos
- Identificar brechas para ampliar o diálogo e fortalecer a agroecologia
- Sensibilização dos diferentes atores
- Abordagem transdisciplinar
- Importância de políticas públicas
- Diálogos institucionais

Quais são os principais desafios para os profissionais da agroecologia?

- Reconhecimento profissional
- Valorização da carreira
- Formação abrangente
- Pressão das grandes empresas
- “Derrubar as cercas” da educação formal

Obs: No Anexo III compartilhamos o roteiro metodológico utilizado pelos GTs para que novas experimentações metodológicas possam ser feitas



FORA
TEMER

Festa
50
ANOS

A cultura e arte como componentes educativos: a feira e os festejos

Além das Rodas de Diálogo e dos Grupos de Trabalho, durante o seminário aconteceu também a Feira Agroecológica e Cultural “Sabores e Saberes” que possibilitou a comercialização e geração de renda para diversos grupos camponeses agroecológicos do Rio de Janeiro e de outras regiões. Para além de um espaço de comercialização, a Feira também foi um espaço educativo e político, tendo os momentos culturais como mediadores de diálogos e conexões entre a cidade e o campo, pois acolheu intervenções culturais, atividades místicas, troca de sementes, atos públicos e outras expressões da luta e da resistência da educação e da agroecologia.

No diálogo com a agroecologia, nos aproximamos do conceito de cultura percebendo que a cultura compõe tudo aquilo que está sob a terra e sobre a terra. Derivada do cultivar, o cultus, cultivo, a cultura ativa está sobre a terra e, em diálogo com o seu meio, o sujeito constrói o seu modo de produzir e sobreviver, amparado também pelos saberes fazeres que estão sob a terra, heranças ancestrais, memórias bioculturais. Esta perspectiva pode nos levar de encontro à reflexão em torno das paisagens culturais, hoje vistas como patrimônio de uma região, e que mostram através de sua leitura aprofundada as marcas e matrizes do desenvolvimento humano em determinado território.

Como expresso na carta política construída ao final do Seminário, ressaltou-se que nesta perspectiva, a cultura é elemento político de diálogo com os territórios, uma vez que é a representação da diversidade e dos saberes populares. Ela deve compor a

totalidade dos espaços educativos. As representações culturais são responsáveis pela construção de um povo. Assim, a cultura é memória e denota a necessidade de reconhecermos os saberes ancestrais, aprendendo com os mesmos e renovando-os.



Relatos das Plenárias

Primeiras Palavras

Gaudêncio Frigotto
prêmio de amigo dos lutadores da terra (MST)

Gaudêncio começa dizendo que este é um momento de aprendizagem para todos nós. Muita juventude, sugere a leitura do livro “Discurso de Lenin à juventude”, comenta que seria muito interessante que o lessem.

O momento em que se dá o seminário ganha uma enorme importância: é preciso não ter medo e ter coragem de enfrentar. No Paraná tivemos 800 escolas ocupadas. Mas ao mesmo tempo uso de secantes no trigo, em nome de ganhar rapidez pro trigo chegar ao mercado.

Primeira ideia: a agroecologia tem que convencer as mentes e os corações de que nós somos membros da natureza. “Somos água, lítio, cálcio, somos elementos da natureza, somos seres animais que nos tornamos humanos”. Há uma relação orgânica entre nós e a água, nós e a terra, entre nós e o ar. Para ele o trabalho e propriedade. Trabalho é atividade vital em que o ser humano se relacione com a natureza e a transforma nele mesmo. Transformando a natureza, ele se transforma a si mesmo.

Trabalho não é sinônimo de compra e venda de força de trabalho. Já propriedade é quando os seres humanos, em comunidade, dialogando em comunhão e em cooperação, se apropriam

daquilo que é valor de uso para poder reproduzir a vida. Não tem nada a ver com a propriedade privada dos meio de produção e dos recursos naturais. A disputa pelo direito à terra é uma violência.

A grande mensagem da reforma agrária popular é que a questão da terra é daqueles que querem ter possibilidade de futuro. Schumpeter diz que a ciência deve educar para a destruição criativa. Como pode uma sociedade viver se o desequilíbrio é sua ordem? Por natureza somos competidores: essa a ideia que funda também a ideia de escola burguesa. Destruição criativa – produção destrutiva.

Lembra que a educação e a ciência deveriam livrar o ser humano da dor e da fome. Mas, essa ciência construída pelo agronegócio não constrói a segurança alimentar. A ciência, só pode ser efetivamente dilatadora da vida na república do trabalho, como lembra Marx. Hoje, a ciência e a tecnologia são usadas para mutilar os sentidos humanos. Fazer pesquisa e educar pressupõe condição de vida e é método para se compreender. Na reforma do ensino médio, por exemplo, querem que aceitemos o pacote. Entender o real é historicizar como o real se produz. O conhecimento tem que nos ajudar a entender porque está ocorrendo tudo isso no Brasil de hoje. O conhecimento não é dado, é percepção. Dar igual aos desiguais é mantê-los desiguais. Não há democracia sem uma geração aprender com a outra. Temos que aprender com alunos e filhos da gente, mas também educar. A classe popular tem pressa.

Não há democracia sem critério e quando não trabalhamos isso com nossos filhos, nós somos irresponsáveis. Cada geração aprende com a outra. Não ter medo, mas não ser ingênuo! Temos

uma grande dificuldade no campo da esquerda. Nos fechamos na nossa verdade. E como nos lembra Gramsci, a mudança na terra implica não só falar verdades à multidões, é preciso desenvolver a capacidade da multidão pensar por ela mesma, para que todas e todos leiam a realidade que querem mudar e para que tenham ânimo e disposição!

Colheitas Finais - Mesa de Reflexão: Místicas, Horizontes, Territórios e Transformações

Willer Barbosa
Educador da UFV

Muitas vozes foram chamadas ao palco. Vozes presentes ou momentaneamente ausentes, mas que se fizeram presentes no entoar, no pensar e no agir. Bela madrugada camponesa, que aguarda o alvorecer, no rumo de uma pátria livre. Venceremos!

A Educação em Agroecologia está mais viva do que nunca e o fortalecimento deste tema foi vivido nestes últimos dias. Percebemos que precisamos construir e reconstruir alguns lugares da educação, além de desconstruir conceitos e pensamentos, para plantar a vida. É preciso dar foco a experiências exitosas, que ocorrem todos os dias, rumo a um processo social libertário e digno, que vai muito adiante.

Os colonizadores estão no comando fazem 500 anos.que pensam ser nossa fraqueza é exatamente a nossa fortaleza. É preciso enxergar de outro ponto de vista. Precisamos inundar as vidas humanas de alimentos saudáveis. Enquanto pensam que estamos encurralados, na verdade estamos entrincheirados.

Faz escuro, mas eu canto! Estamos avançando enquanto movimento de Agroecologia!

O retrato, de repente, atravessa todos e todas, somados somos várias representações no painel, que passeou pelas rodas e grupos, destacando falas e sentimentos, magnificamente retratados, representando artisticamente palavras faladas, escritas e pensadas. A linguagem artística é natural do ser humano! Somos seres artísticos!

O mundo tem a função de nos desmotivar, nos destituir da arte, nos inculcar de que não somos capazes..., e vamos..., cultural e socialmente..., nos artificializando..., tolhendo nossa capacidade..., até que acreditemos ser incapazes de transformar.

Tantos fazeres e pensares foram tomando forma para formatar um documento formal, uma CARTA POLÍTICA! Que escrita, lida e aclamação-(mente) aprovada! A carta que pontuou: DENÚNCIA! DESMONTE! RETROCESSO! A leitura pública que provocou: REVOLTA! INDIGNAÇÃO! DESEJO! JUSTIÇA! Sentimentos necessários para: MOTIVAR! MOBILIZAR! MOVIMENTAR!

A contribuição para o despertar destes sentimentos são essenciais para que continuemos a luta. O desmonte e o retrocesso deixam claro o projeto de sociedade daqueles que TOMARAM O PODER DE ASSALTO. O que traz como CONSEQUÊNCIA a necessidade de movimentação, que considere a alma, a alegria os sentidos, os tempos e os espaços!





RODAS DE DIÁLOGO

TROCA DE SABERES

POUCA TERRA

MUITO ALIMENTO

COMUNICAÇÃO POPULAR

AGROECOLOGIA PARA ALEM DA FRONTEIRA

AGROECOLOGIA

REFORMA AGRARIA

DIREITOS

FORA TEMER!

FUNDAMENTAL

GOLPE NA FRONTEIRA

TEM TRABALHO

ÉTNICO

SEMINARIO NA EDUCACAO EM AGROECOLOGIA E LUTA

CARTA POLÍTICA

Nós, 420 profissionais da extensão, ensino e pesquisa, da comunicação, estudantes dos diferentes níveis e modalidades de ensino, agricultores e agricultoras, povos e comunidades tradicionais, jovens, mulheres e homens de todo o Brasil nos reunimos em Seropédica- RJ, de 25 a 27 de outubro de 2016, no II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA), para debater o tema “Educação em Agroecologia: resistências e lutas pela democracia”. Este tema reflete os acúmulos e aprendizados desde o I SNEA e a preocupação com as ameaças de desmonte institucionais que colocam em risco os avanços duramente conquistados pela sociedade brasileira em seu processo de democratização.

Fortes ataques à educação brasileira são claras expressões deste risco, a exemplo do fechamento das escolas do campo; da PEC 241/2016, que propõem congelar os gastos públicos por 20 anos e com isso, interdita a continuidade, o aprimoramento e a expansão do ensino médio, tecnológico e superior no Brasil, em que os maiores atingidos serão as populações mais vulneráveis e pobres; a Medida Provisória 746/2016 que prevê a reformulação do ensino médio, excluindo do rol das disciplinas obrigatórias Artes, Filosofia, Sociologia e Educação Física, condicionando o/a estudante a optar por uma área de formação sem ter concluído o ensino médio, negando o princípio da complexidade para a formação da cidadania crítica; o Projeto de Lei 293/2016 (conhecido como Lei da Mordça) que cerceia a autonomia de profissionais de educação para abordar dimensões políticas, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, ressaltando que professores/as que descumprirem estas orientações estarão sujeitos à exoneração dos cargos.

Repudiamos as ações antidemocráticas implementadas recentemente, a exemplo da prisão política de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; as medidas da SETEC/MEC para que os dirigentes dos Institutos Federais delatem os estudantes envolvidos nas ocupações; e medidas arbitrárias e autoritárias para desocupação das Escolas, cerceando o livre direito de manifestação da sociedade. Dessa forma, nos solidarizamos com o movimento dos/as estudantes de ocupação das escolas, das universidades e institutos federais que lutam por uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Nesta conjuntura o II SNEA promoveu uma rica reflexão. Foram socializadas e debatidas 170 experiências de Educação em Agroecologia, articulados a partir de eixos temáticos sobre a construção do conhecimento agroecológico, a formação do profissional em agroecologia e a questão agrária e agroecologia. Estas experiências são fruto do acúmulo histórico protagonizado por educadores/as, estudantes e pelos movimentos sociais do campo.

Evidenciamos ainda no evento o fornecimento de alimentos agroecológicos de famílias agricultoras para a alimentação dos participantes e a realização da Feira Agroecológica e Cultural “Sabores e Saberes” como um espaço educativo, tendo os momentos culturais como mediadores de diálogos e conexões entre a cidade e o campo.

Reconhecemos alguns temas fundamentais para a construção de uma Educação em Agroecologia, como a luta pela terra, a reforma agrária, a defesa dos bens comuns e dos territórios, a indissol-

ciabilidade da extensão, ensino e pesquisa, a transdisciplinaridade, o feminismo, a construção do conhecimento e o diálogo de saberes, as juventudes, o diálogo intercultural, a sexualidade, as políticas públicas, a segurança e soberania alimentar, a saúde e a economia solidária. Percebemos que os princípios da Vida, da Diversidade, da Complexidade e da Transformação propostos no I SNEA para a Educação em Agroecologia vêm sendo reforçados e colocados em prática nestas experiências.

Observamos que a Educação em Agroecologia se constrói com o fomento e o apoio do Estado a partir de políticas públicas. Resaltamos o apoio dado aos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs), que desde 2010, passam a ser fomentados por Ministérios envolvendo um grande número de professores, estudantes de ensino médio, de graduação e pósgraduação; técnicos extensionistas e representantes da agricultura familiar, em cerca de 281 projetos, em 102 instituições de ensino, beneficiando mais de 47.000 agricultores e agricultoras familiares em todo o país.

Denunciamos os ataques às políticas públicas voltadas para o campo, para a agricultura familiar e a reforma agrária, a exemplo da extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário e o corte de recursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA e da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO. Denunciamos a desterritorialização dos povos e comunidades tradicionais e o avanço do agronegócio como expressão do capitalismo no campo, da degradação ambiental, da concentração da riqueza e do esvaziamento do campo.

II SEMINÁRIO NACIONAL
de EDUCAÇÃO
em AGROECOLOGIA

Carta Política d



EDUCAÇÃO EM
RESISTÊNCIA
— PELA DE

Amerindiafricaniza Brasil!!!



UMA NOVA
INDISSO

EXT
EN
PES

JUVENTUDES

SEGURANÇA E
SOBERANIA
ALIMENTAR

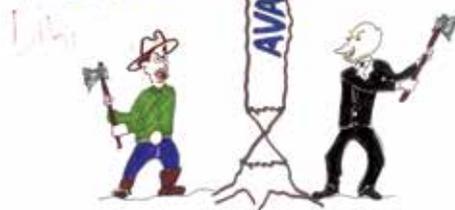
TE
FUNDA

PEC 241
MP 746
PL 193
ATAC AM
NOSSOS



DIÁLOGO
INTERCULTURAL

POLÍTICAS
PÚBLICA



+ CONE
+ PRÁTICA

MULTIPLICA
Gilson Guimarães
Jo Leoni
Samuel Uliam
COLETIVO REPENTISTAS DO DESENHO
repentistasdo desenho@gmail.com

COLETORES
João Barbosa

II SNEA-UFRRJ

27/10
2016

AGROECOLOGIA:
E LUTAS
MOCRACIA

LUTA

AGROECOLOGIA



ciV



CIÊNCIA:
ABILIDADE
A
NSÃO
INOE
JISA

Complexidade
de Diálogos

ECONOMIA
SOLIDARIA

MAS
MENTAIS

LUTA PELA TERRA

CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO E
DIÁLOGO DE SABERES

SEXUALIDADE

DEFESA DOS BENS
COMUNS E TERRITÓRIO

SAÚDE

ECIMENTO
S SOCIAIS



A Educação em Agroecologia deve se dar no contexto territorial em que se encontra, com seus atores, debatendo as relações de poder e os conflitos, devendo-se contribuir para fortalecer a organização social e a construção de um projeto popular que tenha como centralidade a luta pela terra em consonância com os princípios da agroecologia e o bem viver. Uma educação que valoriza a pesquisa e o trabalho como princípios educativos, favorecendo uma perspectiva crítica e politécnica da formação profissional.

Reconhecemos que a agroecologia tem sido construída em diferentes processos educativos, seja na escola, nas universidades, nos institutos federais, seja no chão do trabalho e nas lutas sociais e populares do campo e da cidade. Isso vem possibilitando a experimentação de diferentes perspectiva pedagógicas utilizando-se de práticas da educação popular que articulam extensão, ensino e pesquisa, como as caravanas, intercâmbios, estágios de vivência, instalações artístico-pedagógicas, entre outras, que nos apontam a necessidade de romper com uma educação bancária e anti-dialógica. A formação em agroecologia deve ser interdisciplinar, baseada na complexidade e no diálogo de saberes.

Contudo, é fundamental para que isto ocorra, reconhecer que a ciência dominante e a educação conservadora são limitadas e parciais, sendo necessário buscar outra ciência que possibilite novas relações dos seres humanos entre si e com a natureza.

Defendemos uma educação com diferentes perspectivas pedagógicas que floresçam da relação entre a ciência e os conhecimentos populares, como as pedagogias do trabalho, da autonomia,

libertária, da terra, da vida, do alimento, griô, da alternância, construindo uma pedagogia socioecológica.

Ressaltamos que nesta perspectiva, a cultura é elemento político de diálogo com os territórios, uma vez que é a representação da diversidade e dos saberes populares. Ela deve compor a totalidade dos espaços educativos. As representações culturais são responsáveis pela construção de um povo. Assim, a cultura é memória e denota a necessidade de reconhecermos os saberes ancestrais, aprendendo com os mesmos e renovando-os.

Repudiamos qualquer tipo de violência contra as mulheres e defendemos a diversidade sexual e o direito às livres escolhas de gênero. Entendemos que as experiências em educação em agroecologia devem valorizar e fortalecer o protagonismo das mulheres como portadoras de conhecimentos e práticas sociais que favoreçam o avanço da construção do enfoque agroecológico.

Por fim, defendemos que o Estado brasileiro nas suas diferentes esferas reconheça todos/as profissionais que se dedicam a Agroecologia possibilitando a realização de concursos públicos, e fomentando espaços de atuação, visando o cumprimento das diversas políticas públicas que apontam a necessidade de construção de uma outra perspectiva de desenvolvimento, a exemplo da Política Nacional de Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção – PNAPO.

Por Educação em Agroecologia que considere “uma agri-cultura da alma, do território, da alegria, dos sentidos, dos tempos e dos espaços” (Déa Trancoso).



AVALIAÇÕES | II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia

METODOLOGIA:

A avaliação foi feita seguindo a dinâmica “Que bom, que pena e que tal...”, onde cada participante foi convidada/o a escrever em um cartaz coletivo quais foram suas impressões positivas e negativas do evento, bem como deixar sugestões para melhorar as próximas atividades. As contribuições colhidas seguem abaixo:

“O SNEA é um espaço de experimentação e inovação metodológica para a construção e fortalecimento da diversidade de práticas de educação em agroecologia”

Que Bom...

Encontrar o Bem-viver nos discursos e nas práticas;
Poder discutir Educação em Agroecologia a partir das Instalações Pedagógicas;
Lutar pela terra com agroecologia;
Ocupar!
A pedagogia Griô presente;
Forte presença da juventude;
Rica troca de saberes, histórias, vivências, sorrisos (as metodologias usadas permitiram essa riqueza);
Lutar contra a LGBTfobia;
Desafiadora a metodologia aplicada!
Feira
Aprofundamos o debate, demos visibilidade às educadoras e educadores e as suas experiências! Foi maravilhoso!^

Que escolhemos lutar pelo que acreditamos e fazer o que amamos;
Agro é vida!
O reconhecimento da ABA em prol dos cursos formais;
Que deu certo!
Simplicidade, união, sintonia;
Que foi no Rio de Janeiro;
A juventude que alegre e aponta que há luz no fim do túnel;
Ver a turma se entregar a luta e a sorte, não vai negar seu braço
e seu chão...

Que Pena...

Não pudemos contribuir na Carta política (e os agricultores também não);
R\$ 4,00 a van;
É discutido sobre soberania alimentar, mas a única opção vegetariana foi ovo. Nem só de ovo vive o vegetariano;
Poucos agricultores
Que não foi em um assentamento;
Que acabou, eu quero mais;
Falamos de segurança alimentar, mas tem que garantir para os expositores e estudantes;
Não abrir a participação para todos os estudantes, da área ou não, mas que se interessam e estão a querer aprender mais sobre. Principalmente aos alunos e alunas (da área ou não) que estão nos períodos letivos iniciais e ainda não tem a “possibilidade” de compor um projeto para apresentar, mas muito podem aparecer nessa troca e assim ter estímulos para produções vindouras;
Agricultoras/es, povos e comunidades tradicionais protagonizando pouco as trocas de experiências.

Que tal...

No próximo seminário nacional de educação em agroecologia o número de agricultores deve ser maior mínimo de 50% pois esta é a lógica do fazer COM (fazer pesquisa com, estudar com).

Sair daqui com um compromisso na inserção dos Mestres informais da agroecologia para dentro da academia.

buscar a interdisciplinaridade e o diálogo com as ciências humanas.

Avançar na escrita, exemplo: técnicos acadêmicos vão ao território escrever junto com os agricultores e agricultoras.

Construir espaços de trabalho e atuação que não passam somente pelo Estado

Representatividade de jovens e mulheres

Necessidade e importância do momento específico para discutir os cursos formais.

Que bom...

A partir das experiências do território é que se constrói a indissociabilidade.

Não precisamos ficar brigando com os cursos de agroecologia, a Associação Brasileira de agroecologia é a favor dos cursos de agroecologia não é só tarefa dos agroecologistas formados em cursos formais. Os cursos formais tem problemas e precisamos melhorar.



VII FEIRA ESTADUAL DA ESPERANÇA AGRÁRIA

Realização, parcerias, comissão organizadora do II SNEA e ficha técnica do número

Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 - Anais do II SNEA - Vol 12, N° 1, Jul. 2017.

REALIZAÇÃO

Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR)
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Agrobiologia)
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST/RJ)

PARCERIA INSTITUCIONAL

ABA-Agroecologia - Projeto de Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras – MDA/CNPq

COMISSÃO ORGANIZADORA DO II SNEA

Comissão Técnica

Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio – EMBRAPA Agrobiologia e ABA-Agroecologia
Igor Simoni Homem de Carvalho - UFRRJ
Larissa Aparecida da Silva Cabral – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Agroecologia (NIA/UFRRJ)
Maria Virgínia de Almeida Aguiar (UFRPE e ABA-Agroecologia/GT Educação)
Natália Almeida Souza – ABA-Agroecologia/Projeto de Sistematização)
Valdemir Lúcio Durigon – CTUR

Comissão de Apoio

Alex Braz Iacone Santos - CTUR
Camila Linche Gonçalves Lima - CTUR
Carmelinda da Silva - CTUR
Érica Cristina do Carmo Muniz - CTUR
Esther Mariana Flaeschen de Almeida Nunes - UFRRJ
Hugo Hermsdorff das Neves - CTUR
Igor Simoni Homem de Carvalho - UFRRJ
Larissa Aparecida da Silva Cabral - UFRRJ
Magda Carvalho de Queiroz da Rocha - CTUR
Marden Manuel Rodrigues Marques - CTUR
Ricardo Crivano Albieri - CTUR
Rodrigo Gredilha Duarte - CTUR

Maria do Socorro Guedes Freitas Durigon - CTUR
Suellen Quadrat de Almeida - CTUR
Suzete Maria Micas Jardim Albieri - CTUR
Valdemir Lúcio Durigon - CTUR
Valéria da Conceição Chaves- CTUR

Cultura

Ananda Deva Assis Trivelato – UFV
Fabrício Vassalli Zanelli – UFV
Joana Duboc Bastos - UFRRJ
Patrícia Dias Tavares – Mídia Crioula/UFRRJ
Sebastião Augusto Estevão (Sebastião Farinhada)

Comunicação

André Ruoppolo Biazoti – Mídia Crioula
Bianca dos Santos Santana - UFRRJ
Eduardo de Sá – ANA/ABA-Agroecologia
Julyanne Estrella - UFRRJ
Maria Clara de Sá Costa - UFRRJ
Pablo Vergara – MST/RJ
Paolo Marti Grasson Pereira de Souza Viola – Mídia Crioula
Pedro Vasconcelos - UFRRJ
Rafaele Gonçalves - UFRRJ
Rodrigo Avelar Machado – Mídia Crioula
Tatiana Furquim – REGA-Brasil
Thaynara Martins- UFRRJ

Facilitação Gráfica

Flavio Vinicius de Souza Teodoro – UFV-Coletivo Repentistas do Desenho
Glauber Cardoso Guimarães – UFV- Coletivo Repentistas do Desenho
Juliana Campos Lopes – UFV- Coletivo Repentistas do Desenho
Samuel Carvalho Ulhôa – UFV- Coletivo Repentistas do Desenho
Sara Barbosa – UFV-Coletivo Repentistas do Desenho

Facilitadores de Grupos de Trabalho

Ana Cristina Souza Santos – UFRRJ
Cristina Vargas – MST/Setor de Educação
Eduardo Barcelos – Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB)
Luciana Buanain Jacob – ABA-Agroecologia
Marcos Sorrentino – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP)
Romier da Paixão Sousa - Instituto Federal do Pará - Campus Castanhal/ABA-Agroecologia

Facilitadores de Rodas de Diálogo

Amaury da Silva Santos - EMBRAPA Tabuleiros Costeiros
Ana Cristina Siewert Garofolo – EMBRAPA Agrobiologia
Ana Maria Dubeux - UFRPE
Annelise Caetano Fraga Fernandez - UFRRJ

Antônio Ednaldo Souza Oliveira – Cooperativa Cedro
Bernardete Montesano – Rede Carioca de Agricultura Urbana
Carmen Oliveira Frade – UFRRJ
Claudemar Mattos - ASPTA
Décio Cotrim - UFPEl
Edson Diogo Tavares – EMBRAPA Tabuleiros Costeiros/ABA-Agroecologia
Elisabete Cristina Ribeiro – UFRRJ
Fabiana de Carvalho Dias Araújo - UFRRJ
Fabricio Zanelli - UFV
Fernando Fleury Curado - EMBRAPA Tabuleiros Costeiros
Fernando Schneider - ICMBio
Fernando Silveira Franco - UFSCar/ABA-Agroecologia
Flaviane de Carvalho Canavesi - UNB
Flávio Duarte da Fonseca – ABA-Agroecologia
Henderson Gonçalves Nobre - UFRA Capitão Poço
Iracema Ferreira de Moura
Joel Donazzolo - UFTPR
Jorge Luiz Schirmer de Mattos - UFRPE
José Nunes da Silva - UFRPE
Juarez Martins Rodrigues - IFGoiano/ABA-Agroecologia
Laetícia Jalil - UFRPE Leonardo Gama Campos - UFF
Luana Carvalho Aguiar Leite – MST/RJ
Luis Mauro Santos Silva - UFPA
Maria Virginia de Almeida Aguiar – UFRPE
Marcos Bezerra de Figueiredo – UFRPE//ABA-Agroecologia-GT Campesinato e Soberania Alimentar
Robledo Mendes da Silva - UFRRJ
Romier da Paixão Sousa - IFPA - Campus Castanhal
Shirlene Consuelo Alves Barbosa - UFRRJ
Tatiana Deane de Abreu Sá – EMBRAPA Amazônia Oriental
Valéria Tolentino - UFRRJ
Vanessa Pereira de Jesus - UFRRJ

Relatores

Alexandre Amadeu Cerqueira de Miranda
Amanda Bonadiman - IFSudeste de Minas Gerais
Ana Paula Bethina Stein Soares – UFV
Cosmo José de Campos Júnior – UFVJM
Ericka Carneiro Leão de Oliveira – UNB
Fernanda Amorim – Embrapa Tabuleiros Costeiros
Isabela Ladeira – UFV/REGA
Juliano Palm – Cedro/Casa dos Saberes
Larissa Nunes - UNESP
Leonardo Rosas – Cooperativa Cedro
Letícia Almeida – UFJS
Marcelo Xavier – UNESP
Mariana Telles – PPGA
Marília Cucolicchio – UFV/REGA

Maysa da Mata Silveira – UFV
Miguel Leopardi Bosco de Azevedo – UNESP
Morgana Mara Vaz da Silva Maselli - UFRRJ
Nayara Ferreira Lacerda – LEC/UFRRJ
Rafael Mauri – UFV
Rafaela Dornelas – Mídia Crioula
Raphaela da Silva Mendes – UFLavras
Rita Fagundes – CPDA/UFRRJ
Yolanda Maulaz – UFV

Secretaria

Luana Sousa Costa – UFRRJ
Stéfanny Aparecida Ribeiro – UFRRJ
Ana Carolina Cardinot Coelho - UFRRJ
Camila Chaves - UFRRJ

FICHA TÉCNICA DA EDIÇÃO - Anais do II SNEA - Vol. 12, nº 1, Jul. 2017

Edição geral

Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio – EMBRAPA Agrobiologia/ABA-Agroecologia
Maria Virgínia de Almeida Aguiar – NAC-UFRRPE/ABA-Agroecologia

Revisão editorial dos artigos

Larissa Aparecida da Silva Cabral – Coletivo de Comunicação Mídia Crioula/UFRRJ
Rafaela Silva Dornelas - Coletivo de Comunicação Mídia Crioula

Apoio técnico

Sankirtana Dharma Dasa – IF Goiano
Francisco Almeida Vizentin



ANEXO I

NEAS presentes

| | |
|---|----|
| Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia do Acre - NEACRE | AC |
| Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica - UEA | AM |
| Núcleo de Estudo em Agroecologia e produção orgânica - NEAGRO | AM |
| NEA IF Baiano | BA |
| Núcleo de Estudos em Agroecologia e Cartografias Sociais | BA |
| neaufca | CE |
| NEA do IFB | DF |
| NEA do Ifes de Santa Teresa - ES | ES |
| Gwatá Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo | GO |
| Núcleo de Estudos em Agroecologia - São Luís/Monte Castelo | MA |
| ECOAF/UFV - Nucleo de Educação do Campo e Agroecologia | MG |
| NEA - Rio pomba | MG |
| NEMAAF (NÚCLEO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINAR EM AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR) | MG |
| Núcleo de Agroecologia da Embrapa Milho e Sorgo | MG |
| Núcleo de Agroecologia e Campesinato/UFVJM | MG |
| Núcleo de Estudos Agroecológicos do Campus Rural de Marabá | PA |
| Núcleo de estudos e pesquisa em agricultura familiar e agroecologia - Capitão Poço/PA | PA |
| Núcleo de Estudos em Agroecologia do IF SUDESTE MG - Campus de Muriaé | MG |
| Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica - NEAPO | MG |
| NEA - Núcleo de Estudos em Agroecologia da Amazônia - IFPA Campus Castanhal | PA |
| Núcleo de Estudos Agroecológicos AJURI | PA |
| Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia do IFPA | PA |
| Puxirum Agroecológico, Ajuri, NEA IFPA campus de Castanhhhal, NEA UFRA Capitão Poço, NEA UFRA Paragominas | PA |
| NERA/UEPB e NEA/Botucatu | PB |
| CVT Agroecologia IF Sertão-PE | PE |
| Nucleo de Agroecologia e Campesinato NAC | PE |
| Núcleo de Agroecologia Sertão Agroecológico | PE |
| Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia - NEPPAG | PE |
| PDV agro | PE |
| Nucleo de Educação do Campo, Movimentos Sociais e Agroecologia -UFF | RJ |
| Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia da Rural | RJ |

| | |
|---|----|
| Rede de Agroecologia da UFRJ | RJ |
| Núcleo de Agroecologia de Viamão (Ecoviamão) | RS |
| Núcleo de Estudos e Pesquisa em agroecologia e produção orgânica no Instituto Federal Catarinense Campus Avançado de Abelardo Luz | SC |
| Núcleo de Agroecologia da Embrapa Tabuleiros Costeiros - NAET | SE |
| Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA/UFS) | SE |
| CVT - SP (Grupo Timbó de Agroecologia) | SP |
| NEPAL - Nucleo de estudos e pesquisas agroecológicas de Limeira | SP |
| NEA Rede UFSCar Agroecológica | SP |
| NÚCLEO DE AGROECOLOGIA APETÊ-CAAPUÃ UFSCAR | SP |
| Núcleo de estudo em agroecologia - Unitas Agroecológica | TO |
| Núcleo de Estudos em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável (NEADS) | TO |

AGROECOLOGIA



ANEXO II

Rodas de Diálogo: Sobre a metodologia de partilha das experiências

Cada Roda de Diálogo contará com o apoio de dois facilitadores convidados que estão responsáveis pela leitura e síntese de todas as experiências vinculadas à cada Roda de Diálogo, de modo a subsidiar e orientar o debate e a reflexão.

Para garantir as diferentes narrativas na socialização das experiências, escolhemos a metodologia das Instalações Pedagógicas como caminho para partilha das práticas e saberes tecidos nos territórios relatadas.

O que são as Instalações Pedagógicas?
“A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação” Manoel de Barros

As instalações pedagógicas são cenários compostos por elementos da realidade suscitadores de problematização e reflexão. Uma instalação pedagógica guarda semelhanças com uma instalação artística em sua dimensão estética. Além disso, busca promover um despertar de sensibilidades a serem re-simbolizadas e interdisciplinarizadas a partir da interpretação dialogada¹. Como processo educativo, as instalações pedagógicas procuram exercitar o respeitando aos diversos saberes, a escuta cuidadosa, compreendendo os tempos de cada experiência e procurando, a partir da construção do cenário, valorizar a complexidade do processo

¹ Alves et al., 2011. Troca de Saberes - Flores das Sombras da Agroecologia. TEIA/UFV, Viçosa, 2011

de construção do conhecimento, onde o cenário, assume uma representação maior que a soma das experiências ali partilhadas. As instalações permitem valorizar conteúdos produzidos coletivamente em diferentes momentos e rompem com a lógica exclusiva da oralidade. O principal objetivo é de subsidiar as reflexões e análises sobre a construção da agroecologia e suas disputas territoriais a partir das distintas realidades vivenciadas pelos(as) participantes².

No caso específico do II SNEA, que tem como objetivo “identificar, sistematizar, refletir e articular experiências de educação em agroecologia e indicar caminhos para seu fortalecimento, divulgação e popularização”, as instalações pedagógicas terão como foco de suas reflexões e construção as experiências concretas de educação em agroecologia.

O que levar? Cada participante precisará trazer para o II SNEA pelo menos um elemento que representem as experiências de educação em agroecologia relatadas no resumo. Há uma variedade de representações que podem ser acionadas como bandeiras, sementes, fotos, alimentos, poesias, artesanatos, tecidos e outros elementos que guardem a memória, a lembrança e o fazer educativo coletivo dos sujeitos envolvidos na construção dessa experiência.

Passo à Passo | Contribuição para incentivar uma boa conversa e reflexão

1. Acolhida: Partilhem o objetivo da roda de diálogo, apresen-

² Anais do III ENA

tem-se, repassem a metodologia e façam os acordos necessários.

2. Sínteses: Os facilitadores apresentam, como queiram, a síntese dos trabalhos submetidos e aceitos e que tem os seus representantes participando da roda de diálogo.

3. Pensando Junto: Os/as participantes discutem ideias para organizar os elementos na instalação pedagógica. Lembrando sempre do vínculo direto com as experiências de educação em agroecologia, sua relação direta com a experiência de educação apresentada no resumo.

4. Construa a instalação: Usem os elementos trazidos. Se preciso, colete e ou crie novos elementos. Incentive cada um a criar, se preciso com a ajuda de outros, a melhor forma de representar o desejado. Este é o momento de pensar conjuntamente a integração dos elementos disponíveis, partindo do pressuposto de que o todo é maior do que a soma das partes (olhar complexo);

5. Planejando: Após organizar a instalação, cada roda de diálogo escolherá dois facilitadores que permanecerão na instalação para receber os visitantes de outras rodas de diálogos. Os demais participantes da roda de diálogo se dividem para visitar as outras instalações. Cada um irá visitar duas outras instalações.

6. Receba os participantes/visitantes da instalação: Incentive-os a olhar e tocar os objetos. Se houver mais de uma instalação sendo visitada por vez evite barulhos que possam atrapalhar os demais, como batuques, palavras de ordem e etc; Relembre dos objetivos do II SNEA e as reflexões sobre os elementos das experiências, representados na instalação pedagógica, que tratam de educação.

7. Tempo de observação: incentive as conversas paralelas. Não tente centralizar as conversas. Resgate as observações e

conversas paralelas no momento da partilha.

8. Partilhando: Em roda, estimulem que cada um diga um elemento que chamou a atenção e porquê. Se o tempo for curto, solicite que pelo menos alguns se pronunciem.

9. Tempo dos organizadores/as: Após as/os visitantes se manifestarem, os organizadores devem chamar a atenção para aspectos importantes e que passaram despercebidos

10. Celebre: Despeça dos participantes, agradeça, se houver tempo, avaliem, mas não deixem de celebrar.

PARA SABER MAIS | VÍDEOS:

O que são Instalações Artístico-pedagógicas? - Irene Cardoso:

<https://www.youtube.com/watch?v=7fZP0JRHOBM>

Instalações Artístico-pedagógicas. Comboio Agroecológico Sudeste:

<https://www.youtube.com/watch?v=fihDBJn9EEs>

Textos: Instalações Pedagógicas: Experimentos de um conceito em construção

<https://drive.google.com/open?id=0B9EzSgUAhqZwanZpcVZHOTHkM2s>



ANEXO III

Proposta metodológica: Grupos de trabalho

Número de participantes em cada GT: 200 pessoas

02 Perguntas geradoras para cada gt (segue abaixo)

- Tempo total – 240 min
- 28 grupos de 07 pessoas (para cada GT)
- 07 salas com 04 grupos em cada (para cada GT)
- Material necessário – uma folha grande por mesa/grupo, tarjetas, giz de cera, canetas coloridas, lápis de cor, fita crepe

METODOLOGIA:

- Cada grupo com um anfitrião que permanece na mesa;
- Cada mesa gera um único cartaz (obra de arte) com a síntese/ilustração das conversas de cada pergunta;
- Socialização dos cartazes no formato “Feira/Exposição”, com um “Comentador/a” para cada cartaz;
- Participantes circulam nas salas e apreciam os Cartazes, com a ajuda do curador;
- Focalizadores – cada um circula por salas diferentes e aprecia até 14 obras de arte

| Atividade | Tempo |
|---|--------------|
| Mística, apresentação dos focalizadores, descrição do processo e formação dos grupos | 30 min |
| Pergunta geradora 01 | 20 min |
| Troca de grupo dentro de cada sala | 05 min |
| Pergunta geradora 02 | 20 min |
| Exposição de cartazes e participantes circulam livremente nas salas apreciando os cartazes. Cada cartaz com um anfitrião para explicar o cartaz | 40 min |
| Intervalo para reunir todos os participantes na tenda e para os focalizadores se organizarem para as falas | 20 min |
| Fala dos focalizadores (30 min/cada) | 60 min |
| Tempo para perguntas e debates com os focalizadores | 40 min |
| Encerramento | 5 min |



Coordenação*:



Parceiros:



Financiamento:



SECRETARIA ESPECIAL DE
**AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO**

*com apoio de todos Núcleos e Rede de Núcleos do Brasil